ANO 7.º — Sexta-feira, 24 de Julho de 1914 — NUMERO 332

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Da minha Politica

Com este titulo e dirigida ao director do nosso confrade portuense *O Norte*, dr. Jaime Cortezão, escreveu o distinto professor dum dos liceus daquela cidade e velho amigo desta casa, o dr. Alfredo Coelho de Magalhães, uma carta que por vários motivos entendemos aqui dever reproduzir: primeiro, além doutros, porque Alfredo Coelho de Magalhães é quasi nosso conterraneo, pois nasceu em Eixo, proxima freguezia do concelho de Aveiro; segundo, porque se trata dum homem ilustrado e honesto, de boas intenções, que afinal se determina, sem reservas, a tornar publicas as suas ideias, esperançado no resurgimento da Patria pela obra já encetada, mas não concluida, do Partido Republicano Português.

Que os nossos leitores prestem a devida atenção ás patrioticas palavras do dr. Alfredo Coelho de Magalhães, lendo-as, como nós fizémos, com o entusiasmo proprio de quem se sente feliz ao pé de homens da sua estructura moral.

Segue a carta:

Meu caro Jaime:

«As primeiras palavras sobre política, que tenho de escrever no jornal de que V. é director, quero dedicar-lhas, porque sinto que só V., conhecendo-me como me conhece, as compreenderá, inteiramente.

Eu fui, meu caro Director, durante muito tempo, e V. sabe-o bem, um politico cuja acção se exerceu, sistematicamente, fóra de partidos.

Poderá alguem considerar extravagante a afirmação, mas eu explico-a.

Eu fui politico, ou, pelo menos, pretendi sé-lo, quando, sentindo-me junto da alma da minha Raça, e compreendendo como éla se erguia, anciosa de afirmar o seu direito á vida plena de liberdade e de independencia, juntei o meu humilde esforço e a exaltação da minha esperança ao esforço e á esperança daquêles que, como V., haviam iniciado uma das mais bélas obras que se tem tentado em Portugal, pelo que encerra de profundamente patriotico e profundamente humano.

Eu fui, então, politico, na mais larga e mais nobre acepção désta palavra: convenci-me de que não viveria, dignamente, se não contribuisse para despertar na alma portuguêsa aquélas qualidades que lhe deixaram marcado na humanidade, desde o século de quatrocentos, um lugar á parte e bem seu.

E, já antes, meu Amigo, como modestissimo precursor da obra a que me refiro, eu tinha sentido a necessidade de, fóra de partidos politicos, e até contra êles, trabalhar com o alto intuito de convencer a Europa de que Portugal viverá independente, porque o espirito de autonomia é poderosissimo na raça lusitana e porque esta não concluiu ainda a sua missão de contribuir para a civilisação do Mundo.

E, pensando assim, eu conservava-me, intransigentemente, hostil a partidos politicos.

Assistia aos ultimos tempos da monarquia, e era tal a desorientação e a cegueira dos homens que teimavam em abusar do poder que a nação lhes recusava, indignadamente, e eram tão mesquinhos e tão odiosos os processos de que se serviam, não tendo um ideal a levantar-lhes a alma, um plano de govêrno ou de administração a afirmar intuitos honestos, que me sufocava, ás vezes, o receio de que a patria não sobrevivesse a tanta degradação moral que se desentranhava em odios, violencias, erros e crimes.

Quantas vezes eu evoquei e surpreendi a figura mais alta da nossa Raça, o divino Camões, naquêle momento, feito de dôr e de esperança, em que, sentindo a patria morrer, se despedia dum amigo, dizendo-lhe que morria com éla. E, se eu evocava Camões, não era para me encher de desanimo e desesperança, mas sim para poder viver aquéla mesma suprema alegria que ele viveu, ao despedir-se do mundo. E essa alegria vinha-lhe da certeza de que a patria não morria, definitivamente: ia, antes, repousar do sobrehumano esforço que realisara.

Tambem na hora em que a monarquia morreu, eu senti-me viver de alvoroçado entusiasmo e de exaltada esperança.

Tive serena confiança na Républica. Que belissimos dias se seguiram á Revolução! Parecia que a alma da Raça, acordada e senhora de si, se sentia, finalmente, na sua propria casa, com a consciencia clara da sua missão e a necessidade fundamente e alegremente sentida de a realizar. Não era uma alma nova, não, mas a antiga alma lusitana, a reflorir.

E, ainda assim, eu conservei-me alheio a partidos politicos—ou pertenci ao partido da Patria sob cuja bandeira, eu não sei se todos os portuguezes, mas os que sentiam a alma acendida da fé nos destinos de Portugal, estivéram unidos, sentindo-se irmãos, vivendo na mesma anciedade de sacrificio e de abnegação em favor da Republica.

A esse tempo não se destacara ainda, nitidamente, o temperamento, o caracter, as ideias e os intuitos de cada um dos homens que fizeram a Revolução. Viviam uns dos outros e os que seguiamos a sua obra confundiamo-los, votando-lhes igualmente a mesma dedicação.

Mas eu presenti, desde logo, que, entre eles, um havia de existir que, dominando todos os outros pelas suas virtudes, deveria ser a figura verdadeiramente representativa da sua época, encarnando a alma da sua raça, anciosa de viver plenamente.

Quando esse homem aparecesse, com o proposito decidido de realisar a obra que a patria exigia, eu ficaria, necessariamente, ao lado dele, porque não era no momento em que alguem vinha animar e orientar o meu esforço que eu havia de retirar-me da lucta.

E, assim, eu encontro-me, logicamente, no Partido Republicano Portuguez. E estou aí, tão naturalmente, que tenho a impressão, muitas vezes, de que continuo a minha missão politica fóra de partidos.

Eu, dentro do partido democratico, tenho realisado e quero continuar a realizar, aquéla mesma politica que se realisa a dentro da *Renascença*: é a politica de comovido sacrificio pela resurreição da Patria Portugueza.

E toda a minha esperança e todo o meu entusiasmo agora se exaltam, deante da maior figura do Partido Republicano Portuguez, que é o Partido da Patria. Junto dele, eu sinto-me mais proximo da alma da Raça, revelando-se em energia, tenacidade, esforço heroico, fé profunda e serena.

Vejo nele, não já o homem, mas um simbolo, e nele confio, como V. confiará na amizade do seu devotadissimo admirador.»

Alfredo Coelho de Magalhães

Films . . .

Continúa

O sr. Cherubim Guimarães continúa na *Soberania do Povo* a sua obra de ataque á Republica terminando um dia destes o seu artigo principal com estas palavras:

«Não ha que fugir-lhe. Só a Monarquia nos póde livrar déla (refere-se á demagogia) e para isso não é precisa a traição nem o bamburrio. Basta a fé e saber esperar.»

Anda muito bem o sr. Cherubim do Vale. Sem fé tambem sómos de opinião que os monarquicos não pódem ir longe. Fé num adiantamentosinho já se vê, que é tudo quanto eles almejam e esperam logo a seguir á restauração... lá para as calendas gregas...

Baralhando

Veio-nos dizer o orgão do evolucionismo local que se o *Camaleão*, a quem chama *conhecidissimo e popular almocreve das pêtas*, não tem autoridade para se referir ao sr. Antonio José de Almeida nos termos em que o faz, o *Democrata* é que não póde censurar esse procedimento porque trata tambem *com menos decencia o ilustre director da Republica*, como se dizer que o sr. Antonio José de Almeida é *um atrabiliario homem publico*, um homem politicamente *pernicioso* e que não é com o *sistéma de campanhas estupidas*, eguaes ás que o evolucionismo está fazendo, *mais proprias de cafres do que de homens cultos, que um partido ou um chefe se levanta e exalta*, possa ser considerado grosseria ou falta de respeito por o velho republicano. Não. O *Progresso* confunde. Mas ainda mesmo que qualquer palavra mais aspera nos saisse do bico da penna, discutindo os actos deste ou daquêle vulto republicano, parece-nos que sempre temos mais direito de o fazer do que esses *adesivos* indecentes que em toda a parte aparecem com a estulta pretensão de quem quer dar leis. Não o julga, porém, assim o *Progresso*? Maneiras de vêr. Para não atribuirmos a outra coisa o modo intempestivo, brusco, como se nos dirige.

Ainda por cima...

Outro

Outro é o papelucho agora aparecido em Lisboa, no qual o filho do escriba do *Pulha de Aveiro* se propõe defender a restauração monarquica, batendo-se em todos os campos—*por Deus, pela Patria e pelo Rei*.

Sabendo-se, como se sabe, que o *Careguinha* se recusou, ao entrar na Universidade, a cumprir a formalidade do juramento catolico, por ser livre pensador, claro está que ninguem melhor do que ele para fazer parte dos restauracionistas.

E' tudo gente de *convicções* e não se aceita outra...

Alto lá!

E' o brado do *Progresso* para nos dizer que o partido evolucionista local não foi convidado para a reunião do dia 16 no govêrno civil, quando as nossas informações ainda agora nos autorisam a confirmar a noticia dada na semana finda.

O partido evolucionista foi convidado, mas do que ninguem tem culpa é de que os chefes sejam tantos que não se saiba, afinal, a quem devam ser distribuidas as convocações...

Assim é

Pede a *Lucta* aos seus leitores para repararem que os que mais acremente censurem os velhos republicanos são aqueles que só depois de feita a Republica reconheceram ser pessima a monarquia.

Estâmos de acordo. Para as bandas da Vera-Cruz então ha desses exemplares em barda...

Até se pintam de verde e encarnado, os malandros.

O Congresso

Volta a reunir-se no fim deste mez, extraordinariamente, o Congresso da Republica, que terá por missão, quasi exclusiva, pronunciar-se sobre a lei eleitoral que ficou por discutir.

Serão propostas várias emendas e caso não surja algum vergónhoso incidente como os que assinalaram as ultimas reuniões, S. Bento fechará bréve, mesmo porque os Celóricos precisam de descanço para irem... cavar batatas...

Ministro da Justiça

Uma das coisas que mais preocupava os politicos, em guerra acêsa contra o partido democratico, era o facto do sr. Bernardino Machado estar sobraçando a pasta de ministro da justiça desde a organisação do ministério, o que vinha dando logar a retumbantes artigos, que agora teem de acabar, visto ter sido nomeado para exercer esse cargo o sr. dr. Eduardo Augusto de Souza Monteiro, juiz da Relação de Lisboa.

Teem de acabar é como quem diz. Parece-nos que o sr. Bernardino quanto mais faz, mais tem por onde lhe peguem...

Um acto arbitrario

O sr. governador civil sobrepondo-se á Lei da Separação

Protéstos e reclamações

Lavra na proxima freguezia de Esgueira a maior indignação contra as ordens dimanadas na segunda-feira do govêrno civil, as quaes, brigando com a lei da Separação na parte respeitante aos direitos e atribuições das juntas de paroquia, são tudo quanto ha de mais arbitrario e vexatorio para a corporação que ali superintende nos actos do culto. E se não veja-se: tinha a Junta de Paroquia Civil deliberado, numa das suas reuniões ordinarias, não consentir a entrada na egreja e capelas confiadas á sua guarda, do padre José Rodrigues Gil, declarado inimigo das instituições, tendo sido processado e expulso durante tres mezes por não cumprir e incitar o povo da freguezia, que estava paroquiando, a não fazer caso da Lei da Separação. Para isso escudava-se a Junta nas atribuições que lhe confére o artigo 106 da mesma Lei e ainda na Portaria de 30 de Dezembro de 1912, que as esclarece e os direitos dessas corporações administrativas resultantes do disposto no citado artigo, comunicando a todos os depositarios das chaves das capelas a resolução tomada, como era logico que fizésse. Pois não obstante tudo isso e o sr. governador civil conhecer o quanta razão assiste á Junta de Paroquia de Esgueira, que neste particular apenas tem em vista a defêsa do regimen e o cumprimento das leis da Republica, ordenou que ao padre Gil fosse facultada a entrada na capéla do logar de Taboeira para a encomendação dum cadaver, ele que não entra na egreja paroquial, que abandonou a freguezia, que é um rancoroso e atribiliario ministro da religião, fazendo ainda sciente os seus subordinados que deviam **arrombar a porta** caso a Junta de Paroquia se opozésse á sua abertura!

Como se entende isto? Em que lei se fundou o sr. dr. Augusto Gil para taes ordens transmitir, vexando uma corporação que legitimamente está de posse e guarda do edificio de que se trata? Desde que ás Juntas de paroquia compete *exclusivamente* a guarda e conservação das egrejas e capélas que servem ao exercicio publico do culto catolico, e a dos mobiliarios que as guarnecem, que autoridade possue o sr. governador civil para não respeitar as suas deliberações? Se a esses corpos administrativos a lei confére poderes que só por um decreto pódem ser revogados, decididamente que o sr. governador civil não póde intrometer-se, como agora fez, naquilo que ela delibera atinente a zelar não só os interesses da paroquia, mas tambem—o que é licito—os interesses da Republica que o padre de Esgueira a cada passa tenta pôr em cheque.

Não andou, pois, como devia o sr. dr. Augusto Gil, com magua o dizemos. Mais: cometeu uma arbitrariedade, sobrepondo-se á lei, como se estivéssemos no tempo de D. Miguel, na época do absolutismo. Não a deixâmos passar. Sería trair os principios sempre aqui defendidos com o maior sacrificio, se, com a Junta de Paroquia de Esgueira, não estivéssemos, neste momento, dando-lhe toda a solidariedade de que carecer para se desafrontar. Temos pena, sr. dr. Augusto Gil, temos pena que V. Ex.ª se deixasse embair por quem pareçe apostado em comprometer a sua situação, mas a verdade é que o acto em si é despotico de mais, vexou uma corporação que cumpriu o seu dever e nós não hesitâmos entre colocarmo-nos ao lado dos que ardentemente defendem a Republica despresando aquêles que, por qualquer circunstancias só favorecem os seus inimigos.

Vamos sempre com os primeiros. Cá estamos com eles e na sua companhia dispostos á lucta pelos bons principios.

* *

Na reunião extraordinaria que logo após o conhecimento da entrada do padre José Rodrigues Gil na capéla de Taboeira, sem prévia autorisação da Junta, esta efectuou para lavrar o seu protésto, o cidadão presidente leu e poz á votação a seguinte moção, que foi aprovada:

A Junta de Paroquia da freguezia de Esgueira concelho de Aveiro, reunida em sessão extraordinaria;

Considerando que o Ex.^{mo} Governador Civil deste Districto, acaba de praticar um acto arbitrario, ilegal e despotico, mandando entrar, á força, na capèla do logar de Taboeira o padre José Rodrigues Gil, ordenando que se arrombassem as portas da referida capéla se para cumprir a sua ordem tanto fôsse necessario;

Considerando que tal ordem veio vexar esta corporação administrativa, que no uso pleno das suas atribuições, tinha resolvido, por unanimidade, proibir a entrada na egreja e capélas da freguezia ao referido padre para nélas exercer actos do culto;

Considerando que esta Junta de Paroquia tomando esta resolução, não saiu fóra das suas atribuições legaes, mas simplesmente cumpriu o disposto no art.º 106 da lei da Separação das Egrejas do Estado, e Portaria de 30 de Dezembro de 1912;

Considerando que tal ordem é uma afronta aos principios republicanos, visto que o padre José Rodrigues Gil, ex-prior désta freguezia, é um inimigo figadal das instituições, tendo sido já processado e expulso durante trez mezes por não cumprir e incitar a que não cumprissem a lei da Separação;

Considerando que esta Junta está disposta a defender por todos os meios ao seu alcance os bens que á sua guarda estão confiados, não consentindo seja a quem fôr que calque as suas deliberações legaes;

Considerando que a repetirem-se taes ordens arbitrarias e despoticas, pódem ter logar gràves conflitos que é necessario evitar;

Resolve protestar energicamente perante os poderes competentes, tornando responsavel o Ex.^{mo} Governador Civil deste Districto por todos os factos anormaes que de taes ordens possam advir.

Esgueira e sala das sessões da Junta de Paroquia, 21 de Julho de 1914.

(*a*) **João da Silva Castro**

Foi resolvido ainda, por unanimidade, que se déssem plenos poderes ao presidente da Junta, para processar o padre José Rodrigues Gil e todo aquele que, saltando por cima das suas deliberações, exercer actos do culto na egreja ou capélas da freguezia sem prévio consentimento seu.

Finalmente foi resolvido mandar copia da acta ao Ex.^{mo} Ministro do Interior e a toda a imprensa republicana do país, afim de secundar os justos protéstos deste corpo administrativo.

NOVA FEIRA

Abre no domingo, prolongando-se até ao dia 29, a feira de gados ultimamente creada pela câmara deste concelho e seguida de exposição, com premios aos productores do distrito de Aveiro que apresentarem produtos do seu ferro ou marca segundo as condições estabelecidas no regulamento largamente distribuido.

Espera-se grande concorrencia.

Dr. Abilio Napoles

Deu-nos na quarta-feira o prazer da sua visita este nosso presado amigo e colléga do *Povo de Agueda*, que aqui veio assistir a uma reunião do seu partido.

Retirou no mesmo dia á tarde, não nos sendo, porém, possivel comparecer na estação como tencionavamos.

Que ele nos desculpe.

Cherubim... cheira a cadaver...

Daquele prolongado silencio que notámos quando aqui fizémos ligeiras considerações á ultima produção do sr. Cherubim Guimarães, inserta na *Soberania*, do Conde de Agueda, mal haviamos de julgar que desse demorado interregno resultaria uma alarmante crise de abundancia respeitante a modernas e liricas divagações manifestadas em novos escritos que, pena é dize-lo, não demonstram nem afirmam em absoluto o equilibrio de faculdades do seu autor.

O sr. Cherubim, antigo coléga de redacção do Zé Maria, que no reportorio *Correio de Aveiro*, de mãos dadas, inolvidaveis horas de prazer facultaram aos bons apreciadores das suas não menos boas e transcendentes produções, ressurgiu, e de novo aparece com uma das suas tiradas, escrita não naquele tom lugubre,metendo cadaver e respectivo *aroma*, falando em sifilis, alcool, imundicies, podridões e mais porcarias correlativas, mas tratando com verdadeiro conhecimento de mestre de obras, de demolições, construções, condução de material, cal, pedras, entulho que ficou do desmoronamento da monarquia e que sería preciso para a edificação do regimen!

Mas quem lê o—*Isto cheira a cadaver*—que no nosso numero passado escalpelámos, naturalmente traduz e conclue que a Republica fôra não só uma consequencia inevitavel e logica da situação creada pela monarquia com os seus crimes e violencias, mas ainda uma necessidade imposta pela força das circunstancias. Depois, no dizer do autor do escrito, sobrevem os erros e a má administração dos detentores dos supremos destinos da Patria e como resultado, o estertor e aniquilamento do regimen.

Lá dizia, textualmente, a doutor:—*a pequena era bem composta de carnes, faces coradas e em atmosféra pura e ambiente propicio não ha compleição que se não fortaleça, nem organismo novo que não revigore.*

Depois sobrevem a sifilis paterna, as purulencias assustadoras, a vérmina, e o doutor, que fala de papo nestas cousas como o seu coléga Zé Maria sobre o socialismo, conclue pela morte da *menina* que, considerando-a segura, declara no entanto que o seu corpinho—coitadinha!—já cheira a cadaver!...

Cadaver *vivo*, entende-se...

Para final de acto não estava a cousa de todo em todo mal imaginada. Mas agora, nésta nova investida, que nos leva a crêr que haja algum entendimento financeiro, tal a persistencia, o autor dos—*Cinco dias em auto á Serra da Estrela*—mimoseia-nos com outro artigo que é mesmo uma consolação, a principiar pelo titulo—*Não ha que fugir-lhe!*

Sugestivo, como se vê, o sr. Cherubim abre com esta afirmação positiva e terminante:—*A Republica nasceu dum bamburrio e duma traição e bastava esta causá originaria para a fazer passar,pela vida fóra, dolorosas crises!*

Ao lêr estas palavras solénes ficámos impressionados com tão gráve inconsciencia... historica, defrontada com aquéla outra anteriormente feita quando o ilustre e melodramatico bacharel diz, pelos bicos da sua penna, que é o mesmo que o ouvíssemos dos seus labios levemente nacarados:—*A pequena era bem composta de carnes, faces coradas e em atmosfera pura e ambiente proprio não ha compleição que se não fortaleça nem organismo novo que não revigore!*

Atonitos e assombrados, confrontando a pureza da atmosfera e a propriedade do ambiente ontem afirmados, com o bamburrio e a traição hoje apontados, procurámos em todo o escrito a citação de qualquer facto comprovando o bamburrio e a traição que produziram as actuaes instituições.

Nada, até á ultima linha, que é o nome, por extenso, do ilustrissimo e jovialissimo autor do charadistico artigo, que por bom sinal désta vez não... erraram... O sr. dr. não justifica nem de leve o bamburrio e a traição, a que alude,como as duas unicas causas produtoras da proclamação da Republica.

No decorrer da leitura é que nos convencemos que o sr. Cherubim não é só um distinto advogado, orador brilhante, escritor de merito, critico consciencioso, jornalista parabolico,émulo do Zé Maria, áparte outras distintissimas qualidades; é tambem um magnifico mestre de obras taes são os conhecimentos que demonstra quando se refere á demolição do passado e á construção do presente.

Assim, chama á propaganda republicana—*obra de cabouqueiros, demolindo o edificio monarquico sem fórma e sem processos, ordem ou metodo, não querendo na reedificação material antigo.*

Tudo era carunchoso e velho, velho de materia prima inadaptavel ao edificio novo. O casarão esburacado e carunchoso da monarquia ia resistindo aos inconscientes obreiros da nova ideia.

E' certo tambem que não indica, como *perito autorisado*, outro processo a substituir o que condena; mas dil-o-ha, talvez, na futura cronica. E como omitiu na primeira analise feita a cheiro de cadaver o remedio a dar á sifilis paterna que contaminava a *creança*, tal qual foi sucedendo por *Sigmaringen*, désta vez o novo saragoçano fecha assim o seu boletím politico metereologico: *Não ha que fugir-lhe. Só a monarquia nos póde livrar déla,* (a demagogia) *para isso não é precisa a traição nem o bamburrio. Basta a fé e saber esperar!!!*

Bravo, bravo! Que lindo *pendant* para o final do programa apresentado pelo *Carequinha* da *Restauração!* Aquêle terminando—*Deus, Patria, Rei*—e este—*Fé e Esperança!!!*

Para completar o trio déstas virtudes teremos a *caridade* de arrancar a mascara a taes histriões, sem pudor, comediantes reles que cantam conforme lhe tocam, amoldando a sua orientação e criterio ás ocasiões que lhes convem, escrevendo e historiando conforme lhes pagam, por despeito ou por desfastio, numa inconsciencia doentia e perigosa, para espancar a nostalgia que o proprio *snobismo* lhes desperta.

E são estes que, como o autor das heresias que temos vindo desfiando, que tanto acusa hoje como defende ámanhã, que altera a verdade agora para mais a agravar, mentindo, logo, fala no Povo, no Povo que eles queriam o cordeiro humilde e obediente para a tosquia eterna sem encomodos nem cansaços!...

O Povo—diz o nefelibata bacharel—*sempre a pobre besta de carga, cuja soberania se invoca, com gesto largo e voz sonora, como pincelada de mel pelos beiços déssa féra aparentemente tão bravia, mas no fundo tão domesticavel!*

E' a mesma besta de que se servem os patrões do jornaleco, onde o palido bacharel faz o despejo dos seus odios contra o regimen que lhe não serve, bem sabemos porquê, e que para não desmentirem as apreciações do ilustre *historiador contemporaneo*—vão déla, vão de besta, procurar o seu melhor designio para denominarem o papelorio com a pomposa e mentirosissima denominação de—*Soberania do Povo!*

Que ridicula farça! Que falsissima taboleta!

A *Soberania do Povo*, nas mãos de quem?

Mas... do mal o menos, caro socio do Zé Maria. Tenha fé e saiba esperar. Disso, dessa atitude não virá mal ao mundo, acrescendo que temos a certeza indestrutivel, que, com todos quantos, como o *snob* monarquico Cherubim Vale Guimarães, esperem, sabendo ou não—virá a consequencia natural de tão prolongada espeetativa. Lá diz o rifão, que é filho legitimo da sabedoria das nações—*quem espera, desespera!...*

E o desespero aqui é... o abandono de ideias que passaram á historia, sem sifilis ou com sifilis.

Com élas ou sem élas, como se pedem nos restaurantes as tradicionaes e populares iscas de figadó.

NOVO LIVRO

Os partidos politicos *e a vida da nação*, é um novo volume da *Bibliotéca de Educação Moderna*, o decimo setimo, que acaba de ser posto á venda em todas as livrarias, destinado a um grande sucésso, pois com rigor se póde chamar um livro de flagrante atualidade.

Nêle se ocupa o seu ilustre autor, Celso Ferraris, com um espirito de analise superior a todo o elogio, da génese, natureza e divisão dos partidos politicos nos modernos povos civilisados. Depois, sob uma fórma leve, a todos accessivel, estuda a influencia dos partidos na vida da nação sob o aspecto das correntes de opinião que êles definem, e fala-nos do partido retrógrado, do conservador, dos partidos progressistas, do partido liberal e dos partidos radicaes, evolucionistas e revolucionarios.

Para o movimento de transformação que actualmente se opéra na sociedade portugueza, é, como se vê, um trabalho interessantissimo que ninguem se arrependerá de lêr, e que recomendâmos aos nossos leitores cértos de que lhes prestâmos um bom serviço.

Ao sr. Abel de Almeida, proprietario da *Livraria Internacional*, do Chiado, em Lisboa, os nossos agradecimentos pela oferta do precioso volume.

Uma causa celebre

Principiou no dia 20, em Paris, o sensacional julgamento de *madame* Caillaux, esposa do ex-ministro das finanças deste nome, acusada de ter penetrado na redacção do *Figaro* e, á queima roupa, disparar uma *Browning* sobre o director do referido jornal, *mr.* Gaston Calmette, matando-o.

Entrecortado de incidentes, cheio de peripecias e despertando o mais vivo interesse na população da grande capital francêsa, que todos os dias enche o Palacio da Justiça, assim decorre o julgamento da causa que nos ultimos tempos mais retumbancia teve pelos personagens e motivos que lhe déram origem.

E' possivel que a sentença só venha a ser conhecida hoje ou ámanhã devendo ser tomadas todas as precauções para reprimir os tumultos que venham a produzir-se por essa ocasião, como é de esperar e são pronuncio os vários conflitos que já se teem dado.

Figuras de relevo

—(*)—

GUNHA E COSTA

Para a biografia do atual campeão da causa monarquica, trasladâmos hoje um autentico depoimento que será testeficado com periodos tirados do jornal *Tribuna do Povo*, que se publicava em Santos, E. U. do Brazil, e que tinha como redactor chefe um jornalista de raro merito e polemista invencivel chamado Olimpio Lima. Já morreu.

Pois de Santos escrevia alguem textualmente não ha muito tempo o seguinte, ácêrca do famoso Fregoli politico:

Cunha e Costa apareceu aqui em 1897 e era advogado de fama entre a colonia. Isto não era só aqui; em S. Paulo tambem. Lembramo-nos de o vêr, nos festejos do centenario da India, convidado para orador, pelo Real Club ginastico português de S. Paulo; lá ele fez uma conferencia patriotica que foi criticada como sendo opiniões de Alves Mendes, Oliveira Martins e outros, adaptadas e assimiladas de tal fórma, que plagio parecia, em muitos pontos. Chegado aqui, conseguiu ser consul e principiou a advogar no foro sob a ordem do grande advogado Martim Francisco. Não se conduziu porém, com a ordem precisa porque em 19-5-1908, 1.ª pagina, 3.ª coluna da *Tribuna do Povo* se encontra escrito por Pedro Diniz (pseudonimo) o seguinte:

> «...... depois do sr. Luiz de Matos, felizmente reduzido ás minimas proporções, o ilustrado sr. bacharel Cunha e Costa; depois de um pedante, um transfuga; depois de um especulador audacioso, um vaidoso que repudiou o seu passado de republicano, para ajoelhar-se, vil cortezão, aos pés do rei que insultou acrementе, estupidamente......»

Chama-o ainda de republicano *delitanti*, pescador, anfibio, etc... e diz mais em baixo:

> «O Cunha e Costa não é brazileiro, nem português, nem monarquista, nem republicano ou é todas essas coisas ao mesmo tempo. Por nomeação do govêrno de Minas foi professor de agronomia e, segundo me consta, ocupou em S. Paulo um cargo que, pelo aviso de 7-10-1828 e disposições posteriores, só póde ser exercido por brazileiro.
>
> E' portanto brazileiro o dr. Cunha e Costa, mas aceitando um cargo de um govêrno estrangeiro, perde esse caracter em face do titulo IV da Constituição federal, letra b do paragrafo 2.º do artigo 71, que diz claramente perder as qualidades de cidadão brazileiro o que aceitar emprego de govêrno estrangeiro, sem licença do poder executivo federal.»

O mesmo articulista em 20-5-1898 no mesmo jornal e no mesmo lugar diz que ele não é sério e cita a famosa brochura de 148 paginas editada pela casa Chardron, no Porto, intitulada *Lucta civil brazileira e o sebastianismo português no Brazil.* Como se sabe, ele escreveu aquele livro para adular a situação politica dominante então no Brazil, para assim vêr se lhe era possivel explorar em sinecuras o govêrno do Brazil, já que o de sua terra lho não consentia. Diz-se até, que ele procurava elementos para derribar a monarquia portuguêsa, junto do govêrno brazileiro daquele tempo e que o marechal Floriano lhos prometera segundo uns, lhos negara segundo outros; positivamente nada se sabe aqui. O articulista, pois, para provar que ele não é sério avança:

> «Essa brochura, que é um libelo crime traçado contra a monarquia portuguêsa, era composta de vilanias porque *á outrance* defendia a realêsa espirante.....»

Mais adeante:

> «.... que decepção para mim! o apedrejador da realêsa..... é hoje representante de S. M. Fidelissima! Beija hoje a mão que ontem mordeu, ajoelha etc...... o homem que procurou reduzir Floriano Peixoto, mendigando-lhe concurso para abolir o trôno português...... esse homem, digo, depois de fazer parte dum orgão monarquista, cujos homens ele espolinhara, não é, não póde ser sério; não é um homem, é um alçapão; o estomago, nele, tem a força duma virtude primacial, afina-lhe o critério e sobrepuja-o ás suas brutaes exigencias.»

O mesmo articulista, no mesmo jornal, 1.ª pagina, 2.ª coluna, de 29-4-98 diz mais:

> «...... quero falar da conferencia que o sr. Cunha e Costa pretende fazer para expôr o seu programa, programa de quê?... O seu papel (de consul) restringe-se a seguir as determinações que lhe são feitas, obedecendo ao *mort d'ordre* da politica em exercicio...... Cuspiu na face de D. Carlos e hoje beija-lhe o tacão dos coturnos, jactando-se —o homem é jactante—de seu representante...»

No mesmo jornal de 13-8-1898 1.ª pagina, 6.ª coluna, diz o seguinte, transcrito de *A União Portuguêsa:*

> «...... vimos ha dias um folheto contendo cêrca de 500 assinaturas de membros da colonia portuguêsa de Santos, pedindo ao consul geral de Portugal, a substituição do sr. dr. Cunha e Costa, atual vice-consul naquela cidade importante.»

E' isto o que lá encontrámos registado até aqui, 2 de dezembro de 1898, meio dia.

E o resto, ainda mais interessante, para a semana, que isto não vai a matar.

Fabrica de lixa

Na noticia que no numero passado démos sobre a construção que se anda fazendo nesta cidade do novo estabelecimento fabril, destinado a empregar bastantes operarios, deixámos, por lapso, de mencionar o nome do sr. Antonio de Brito, como tecnico da nova fabrica e dirigente dos trabalhos de construção do edificio e assentamento do maquinismo. Fazendo-o hoje queremos com isso significar tão sómente que nos é grato sempre registar iniciativas como a empreendida pelos srs. João Ferreira, Antonio Maria Ferreira e Antonio de Brito, muito para louvar e ainda mais para estimar numa terra em que são tão raras.

Nós e a "Lucta,,

De posse do numero do orgão camachista onde se encontra a correspondencia de Aveiro, a que fizémos alusão na semana finda, devemos constatar, primeiro que tudo, que se não fosse a persistencia com que o correspondente desse jornal quer ferir a nota de pretensas ilegalidades a que directamente liga o nome do director do *Democrata*, na qualidade de membro da Junta Geral do distrito e pela mesma cometidas, não só deixariamos de responder a essas diatribes como ainda nenhuma importancia da nossa parte sería dada a quem tão preversa e malevolamente se permite discutir assuntos para que não tem competencia, coisas para que se não acha devidamente habilitado.

Assim, diz a *Lucta* pela penna do seu conspicuo correspondente, que o director deste jornal, *não ignora e até votou cértamente*:

1.º—A creação pela Junta Geral, que não tem recursos, como as de mais, de logares fartamente remunerados.

Logo aqui se observa um flagrante sintôma de ignorancia e tambem de velhacaría. A Junta Geral não remunéra fartamente logares, mas sim paga aos seus empregados em harmonia com a lei e o trabalho que dispendem. De graça não trabalha, com certêsa, o correspondente da *Lucta* como de graça não tem obrigação de trabalhar nenhum empregado publico no numero dos quaes se acham incluidos os da Junta Geral.

2.º—O provimento nesses logares, de amigos e apaniguados, um dos quaes, com desprêso das leis e da Republica (a dos adidos) e o outro, sobre o ribombante escandalo da diminuição para menos dum terço da creação dos concursos, na mesma sessão em que este se realisou, demonstrando assim que aquilo era grande... só para afugentar concorrentes.

Ainda que semelhante amontuado de palavras seja o mais que póde ser incompreensivel, não escapou á *Lucta* falar nos *amigos* e *apaniguados*, sem querer vêr da parte da Junta a justiça da sua deliberação sobre o provimento dos logares, que é tudo quanto ha de mais sério e portanto de menos escandaloso ou ilegal. Pois póde-se porventura admitir que o provimento dos logares de tesoureiro e chefe de secretaría não sejam dois actos absolutamente legaes? Aonde as provas em contrário? Quaes os argumentos apresentados pela *Lucta* para tal demonstrar? Nenhuns. A *Lucta*, a esse respeito, limita-se, como, de resto, em tudo, a insinuar; insinuar porque desse processo caviloso alguma coisa se póde conseguir contra os visados.

Infeliz!

3.º—O atentado de lesa humanidade e de desrespeito pelos codigos da Republica, de desviar, para pagamentos desses empregados, os dinheiros dos asilos, incorrendo na pena de dissolução.

Muito versado em leis é o correspondente da *Lucta!* Olha a sorte que espéra o nosso director por estar tambem concorrendo para o *crime de lesa humanidade e de desrespeito para os codigos da Republica* consentindo no *desvio* dos dinheiros dos asilos, essa grande *imoralidade* que a *Lucta* descubriu sem ao menos se lembrar de que se assim fosse nem uma hora sequer tería a Junta para aquecer os logares em que se encontra desde o primeiro do ano!

Dissolvida, só? Não, que era pouco. Enforcada, enforcada *provisoriamente*, ao menos...

4.º—O facto, segundo nos consta, de ser fornecedor de medicamentos para o asilo, o pae do sr. Arnaldo Ribeiro!?

Neste ultimo artigo do seu libélo acusatorio põe, o correspondente da *Lucta*, toda a maldade, todo o veneno, toda a bilis que, afinal, se alberga nos que não tem alma e querem aferir por si as qualidades dos outros.

O pae do sr. Arnaldo Ribeiro, fique-o sabendo a *Lucta* e fique-o sabendo toda a gente: não é o atual fornecedor de medicamentos para o asilo. E porque não é, não podia *constar* ao correspondente do jornal lisbonense que o fosse, acrescendo, como acresce, a circunstancia disso se dar ha muito tempo e não agora, ou seja desde a entrada do nosso director para a Junta Geral. *Consta-nos* é uma fórma de alijar responsabilidades, facil, é verdade, mas que não justifica nem encobre o intuito de quem quer arremeçar a pedra, para ferir, escondendo a mão... E o correspondente da *Lucta* quiz, não temos a esse respeito duvidas, ferir, mas ferir fundo a nossa reputação vindo lançar no espirito publico uma desconfiança que, se castigo merece, é aquele que aos pulhas está reservado—verem caír aos pés a mascara que trazem afivelada encobrindo as suas baixêsas, as suas miserias, a sua falta de pudor.

Ha hoje, infelizmente, gente capaz de tudo. De tudo. Ha malandros que teem um prazer infinito de o ser dando a toda a hora provas da sua malandrice. Outros que se aprazem em dizer mal porque só assim se tornam notados e julgam esconder as mazélas proprias... Muitos conhecemos nós; mas nem tantos que evitem aparecer-nos vezes a meudo, sob diferentes aspectos, e visando quasi sempre ao mesmo fim, que é intrigar-nos ou caluniar-nos. Enganam-se, porém. Duma dentada ninguem se póde livrar quando recebida á traição; de uma intriga ninguem póde fugir quando urdida ás escondidas, na sombra. Pois bem: disso e de muito mais nós temos sido vitimas sem que no conceito daqueles com quem privâmos hajamos perdido o que a tantos vai faltando—o caracter, firmêsa de convicções e a coerencia de principios inerente ao cidadão que se presa.

De resto devemos acentuar aqui, ainda com respeito á correspondencia da *Lucta*, que não temos nada nem queremos ter com o que faz o sr. presidente da comissão executiva da câmara. Acusa-o a *Lucta* de ser um dos fornecedores do municipio. Faz ele muito bem. Fornecedor, segundo todas as presunções, é-o tambem o chefe de secretaría, ha muitos anos, e continua a sê-lo. No tempo da monarquia ninguem, a sério, acabou com esse abuso inqualificavel fazendo cumprir a lei. Agora, o que se está vendo. Se tem direito á vida o chefe de secretaría egualmente assiste esse direito, com mais razão, ao sr. presidente da câmara, que é um trabalhador incansavel, homem probo e honésto, qualidades que nem todos se ufanam de possuir

NO DOMINGO

De Aveiro a Vizeu

pela linha do Vale do Vouga

6 horas em ponto.

Manhã fresca, astros um pouco enevoados. A locomotiva dá, com agudêsa, o sinal da partida e eis-nos a caminho da cidade do Viriato.

Mas quem é este homem tão conhecido na historia, esta individualidade tão prestigiosa e falada na Beira Alta?

Viriato lusitano, o grande, é um bravo guerreiro antigo, como antiquissima é a cidade onde morreu assassinado traiçoeiramente depois da vitoria alcançada contra os romanos, capitaneados por Caio Negidio, e que dá ainda o nome a um sitio denominado *Cava*, especie de fortificação, cujos muros de terra, hoje quasi gastos, contando talvez 20 seculos de existencia, têm servido de base á tradição popular sobre as recordações gloriosas sustentadas pelos visienses.

Derrotado o exercito do pretor romano, Claudio Unimano, pelo famoso Viriato junto do Campo de Ourique, para desviar de si o peso das armas com uma divisão favoravel, recorreu aquele pretor a Caio Nigidio, o qual entrando logo pelas terras da provincia da Beira, depois de talar os agros e incendiar povoações, veio fortificar-se num *campo raso* que hoje se vê junto da cidade de Vizeu. Logo que Viriato disto teve noticia, acudiu imediatamente ao ponto indicado e como não pudésse escalar os muros de terra, poz-lhes cêrco até obrigar Nigidio, pela fome e outros estratagemas, a render-se ou pelejar. Com efeito o pretor saíu a campo, mas em poucas horas foi derrotado, perdendo as aguias e quasi todo o exercito.

Isto passou-se, segundo dizem, pelo ano 146 antes da era vulgar. Alguem pretende que duas povoações visinhas da *Cava de Viriato* atestam ainda hoje, por seus nomes, a grandêsa daquela batalha. *Abravezes*, dizem ser corrução da palavra *bravêsa*, que denota o furor com que combateram os luzitanos e *Aguieira* era o lugar onde estavam as *aguias romanas* no pretorio do arraial.

Seja, porém, como fôr, o cérto é que Viriato honra tanto a cidade de Vizeu, que esta se desvanece e toda se ufana quando lhe chamam a cidade de Viriato.

Ora foi a velha capital da Beira Alta que domingo, dois centos de aveirenses, aproximadamente, tomaram a deliberação de visitar, embarcando no comboio especial que a companhia do Vale do Vouga lhes destinou e seguindo por aí fóra até ao *terminus* da viagem, que não póde ser mais pitoresca.

Com efeito se o trajecto pela nova linha daqui a Espinho ou vice-versa é bélo, surpreendente, em alguns pontos, se torna o que conduz a Vizeu pela variedade e encantos da paisagem, realmente digna de admiração, como todos os excursionistas são unanimes em comprovar não obstante os tormentos passados durante a viagem com o enjoo a que obriga o serpentear do comboio e que, diga-se de passagem, não é lá das melhores coisas.

Na Sernada houve alguns minutos de demora que os viajantes aproveitaram para compôr o estomago pois sopunham que uma chavena de café *lépes* e uma boroinha de pão de ló sería o suficiente para que assim acontecesse. Mas qual historia! *Quando o fado é rigoroso nada vale ao infeliz* e isso sucedeu a quantos tivéram a infelicidade dir ao passeio sem saber o que os esperava.

Foi, por esse caminho fóra, uma tal invocação ao *Gregorio* que mais parecia uma viagem no mar largo do que a encetada, sob os melhores auspicios, na estação do caminho de ferro.

Em Oliveira de Frades esperava os excursionistas, com foguetes, o sr. Domingos Leite, que ali se acha a venerar com sua familia e ás 11 horas chegávamos a Vizeu onde uma banda de musica, postada na *gare*, saudou os aveirenses juntamente com o corpo de bombeiros municipaes, acompanhando-os até á Praça da Republica, em frente aos Paços do Concelho.

Aí chegados, cada qual tomou o seu destino. Estava naturalmente indicado o almoço e por isso nos dirigimos com Pompeu Pereira, José da Costa Monteiro e Henrique Brito, que passaram a fazer parte dum grupo, ao *Hotel Portugal*, magnifica instalação, que não envergonha a terra, situada num dos pontos mais bonitos da cidade nova.

Não nos permite o espaço de que dispomos dar notas desenvolvidas de tudo quanto depois vimos; no entretanto diremos que a Sé é um dos monumentos mais notaveis de Portugal. Templo de proporções não muito amplas, é, todavía, rico em decorações de pedra, talha e pintura e sobretudo dum gosto singular na sua formosa arquitetura interior, estilo manuelino. Está muito bem situado, sobre um espaçoso terreiro onde pompearam a fortalêsa romana e os velhos paços reaes e episcopaes no ponto culminante e mais vistoso da cidade. Lá vimos a colecção de quadros existentes na sacristia e sala do *Capitulo*, atribuidos alguns a Grão Vasco considerado patriarca da pintura portuguêsa e que devem ter realmente um subido valor pela antiguidade além da maravilha que representam.

Da Sé seguimos para o edificio do hospital civil, cujas dependencias nos foram mostradas com cativante gentilêsa, subindo até á platibanda, donde se avista um dos melhores panoramas que é dado imaginar-se. E' uma construção ampla e pela sua vastidão, magestade o solidez; pelo aceio que se nota nele todo, pela sua vantajosa situação e pelo seu bom serviço clinico, é hoje considerado um dos primeiros hospitaes da provincia. Defendem-no das faiscas eletricas em dias de trovoada nada menos de dez *pára-raios*.

Visitámos depois o asilo de invalidos instituido pela benemerita Viscondessa de S. Caetano. Foi inaugurado em 1903 e posto que não tenha a sumptuosidade do de Viana do Castelo, que é modelar, está muito nas condições de se contar no numero daqueles que elogios merecem. Tem uma magnifica entrada e todas as dependencias se acham esmeradamente limpas e aceiadas.

Viémos depois ao ex-seminario ou Convento dos Nerys para vêr as celebres escadas em pedra, unicas em todo o país, não pelos seus ornatos ou pela sua amplidão, mas pelo segredo e arrojo da sua construção. Só quem as vê póde bem avalia-las. Parecem uma fantasia, um sonho, pois compreendem uma grande mole de granito—nada menos de seis grandes lanços de escadas de pedra, com o peso de muitas toneladas—todos em recta e lançados no espaço, sem se firmarem sobre colunas ou paredes nem assentarem sobre coisa alguma! Apenas tocam nos patamares os seus ultimos degraus e nada mais. Não é conhecido o nome do arquitéto que tal obra executou nem a historia menciona a data em que essa verdadeira obra de arte foi construida. Todos os excursionistas ficaram estatisticos, como não podia deixar de ser, ante a singular escadaria que faz a admiração tanto de nacionaes como de estrangeiros.

Na companhia do nosso bom amigo Lopes Mateus, capitão de infanteria 14 e distinto visiense, vimos ainda a *Associação do Montepio* e o *Gremio de Vizeu*, dois clubs florescentissimos onde se reune a *élite* da terra, e cujas dependencias bem demonstram o interesse que por eles teem os seus assiduos frequentadores.

Concluindo: se Vizeu, com as suas estreitas e tortuosas ruas; com a sua casaria pesada, de negra pedra; com as suas obras de arte e os seus monumentos, era já digna de ser visitada noutros tempos, agora, que lhe acresce a parte nova; que tem jardins e largos arruamentos; que não faltam comodidades aos excursionistas, por mais exigentes que eles sejam; que tem acessiveis meios de comunicação, com superior razão se deve incluir entre as maravilhas existentes no nosso país a todos os respeitos merecedoras que se conheçam e admirem.

Pela nossa parte conservamos do passeio de domingo as mais gratas recordações incluindo as do descarrilamento da locomotiva, que, não trazendo para os excursionistas consequencias desastrosas, deu motivo ao atraso do regresso e portanto a que por mais tempo se prolongasse a bôa camaradagem entre os viajantes.

A' comissão promotora, composta dos srs. Joaquim Soares, D. Francisco Tavarede e Antonio Souto Ratola, aqui lhe deixâmos consignados os parabens a que tem incontestavel direito pela sua iniciativa.

---

e que são segura garantia de uma solida confiança, que nunca deixou de desfrutar o sr. Bernardo Torres.

E temos dito. Algum tempo nos fez perder o correspondente da *Lucta* com as suas impertinencias. Não o chorâmos. Ha até em nós um cérto desvanecimento por nos ter feito alvo da lama com que tinha em vista sujar-nos. Porque o desmascarámos. Porque tirámos a mascara ao biltresinho, apresentando-o ao publico, que assim fica prevenido contra qualquer investida do *petit-metre*. E é que raros são aqueles que fogem á regra—*homem pequeno, saco de veneno*...

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

JULGAMENTOS

No presente semestre estão marcadas para julgamento as seguintes causas em audiencia geral:

Hoje a de Eurico Meireles, antigo guarda livros da firma Jeronimo Pereira Campos & Filhos, acusado do crime de estupro.

No dia 27 a de Joaquim Marques Ferreira dos Santos, por homicidio voluntario.

No dia 31 a de Rita Amelia dos Anjos e seu filho Octavio da Silva Mélo, acusados de furto.

No dia 7 de Agosto a de João Pinto da Silva Barbosa tambem por furto.

No dia 13 de egual mez a de Manuel dos Santos Costa, farmaceutico estabelecido na Costa do Valado, por abuso de liberdade de imprensa.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 50$500 o vagon.

Exame

Fez, na terça-feira, exame do 1.º grau, obtendo a classificação de *optimo*, a menina Flora Celeste de Pinho e Reis, filha do sr. Teofilo Reis, cirurgião dentista nesta cidade.

Parabens.

Transcripções

Inseriram tambem a biografia do famigerado Cunha e Costa feita pelo proprio pae ao recomenda-lo á junta medica de inspecção militar, os nossos colégas *Poiarense*, de Poiares; *Bairrada Livre*, de Anadia; o *Porvir*, de Famalicão; o *Abrantes*, da vila donde tira o nome; a *Alvorada*, de Guimarães; *Noticias da Beira*, de Castélo Branco; o *Imparcial*, de Pombal; o *Povo de Cambra*, de Macieira de Cambra; o *Povo do Norte* e o *Noticias de Vila Real*, ambos desta localidade.

ESCOLA NORMAL

Ao cabo de várias pesquisas, sempre apareceram os documentos da sindicancia que tinha sido ordenada superiormente a esta escola por causa dum conflito entre um professor e seus alunos, e das conclusões a que chegaram os sindicantes determinou o sr. ministro da Instrucção que fosse repreendido aquele que mais saliente se havia tornado, ilibando de responsabilidades o professor Julio de Almeida, como préviamente se esperava.

Não comentâmos, que póde perder o sabor...

ATRAVEZ DE AFRICA

Passando o tempo

CYRO

(Conclusão)

O rei mandou chamar os *Magos*, a quem contou todo o sucedido. Os *Magos* responderam que, se *Cyro* tinha sido já rei, *Astyages* poderia descançar, pois seu neto não o voltaria a ser. *Astyages* mandou então *Cyro* a sua filha e seu genro, da Persia.

* * *

Cyro foi educado com esméro, enquanto *Harpago* procurava o melhor meio de se vingar do rei.

Foi, com astucia, depreciando *Astyages* no conceito dos guerreiros e inaltecendo a *Cyro*.

Quando *Harpago* entendeu que tudo estava pronto, mandou um seu familiar á Persia levar uma lébre a *Cyro*, dentro da qual tinha metido um pergaminho onde tudo contava e quais os seus planos, acrescentando que só faltava *Cyro* vir tomar conta do reino dos *médos*.

Cyro, em face das intenções e planos de *Harpago*, não exitou um momento e falsificou uma ordem do Avô, em que este o nomiara general dos persas. Em seguida convocou-os a todos e diante deles leu a dita ordem.

Depois ordenou-lhes que cada um *persa* aparecesse no dia seguinte munido de uma foice, afim de todos irem limpar uma floresta. Foram, e á noite mortos de cansaço regressaram, sendo-lhes novamente ordenado que se apresentassem ainda no dia imediato. Logo que chegaram, *Cyro* ofereceu-lhes um grande banquete. Ao terminar o banquete, perguntou-lhes de qual dos dias gostaram mais: se do dia anterior, se daquele. Os persas, como uma só vós, responderam que a diferença era grande!

Cyro exortou-os então a que tivéssem animo e que o seguissem, pois os tornaria livres e os *médos* é que seriam de aí em diante os escravos, enquanto que os persas gozariam de grande felicidade. Verdadeiramente ontusiasmados e contentissimos de se vêrem livres do jugo dos *médos*, aclamaram *Cyro*.

* * *

O rei *Astyages* deu o comando das tropas que mandou contra seu néto, a *Harpago*, não se recordando já do que a este tinha feito; e se se lembrou, achou cousa muito natural confiar-lhe tão honrosa missão, procurando deste modo afastar os ressentimentos de *Harpago*.

Quando os dois exercitos se encontraram, só batalharam aqueles a quem *Harpago* não tinha feito sabedores dos seus planos; todos os outros desertaram para as hostes de *Cyro*.

Apenas *Astyages* soube da vergonhosa derrota das suas tropas, mandou imediatamente assassinar os pobres *Magos*, dizendo: *Cyro não se hade regosijar*.

Depois ordenou a todos os *mêdos*, moços e velhos, que pegassem em armas e foi ao encontro de *Cyro*. Ficou, porém, derrotado e prisioneiro de seu néto.

Harpago, todo satisfeito, dizia então a *Astyages* que a êle devia o ser agora prisioneiro, e que assim vingava a morte de seu filho!

Astiages, censurando *Harpago* dizia-lhe que, se era sua intenção vingar-se do rei, o não tivésse feito de todos os *mêdos*; estes, livres e independentes, eram agora escravos dos *persas*.

Que melhor fôra que êle, *Harpago* se tivésse feito aclamar rei, em vez de fazer aclamar seu néto; porque assim só ele, *Astyages* espiaria a sua severidade, enquanto que désta fórma os *mêdos* sofriam tambem os horrores da escravidão.

Cyro conservou seu avô no seu palacio, sem lhe fazer mal algum, até quo *Astyages* morreu.

* * *

Créso tentou uma expedição contra *Cyro*; mas citiado por este em *Sardes*, foi feito prisioneiro. *Cyro* mandou-o então queimar vivo!

Quando *Créso*, em cima da pira, reconheceu qual ía ser o seu fim, lembrou-se das palavras dum sabio de nome *Solon*, que lhe disséra um dia que o não considerava feliz enquanto o não visse morto; pois para o homem ser verdadeiramente feliz precisava de ter uma morte gloriosa!

E *Créso* recordando-se das palavras do sabio, exclamava: *Solon!... Solon!...*

Ciro, que assistia á execução de *Créso*, mandou perguntar-lhe o que queria dizer com tais exclamações. Como poude, explicou *Créso* o que o sabio lhe tinha dito, dizendo que as palavras de *Solon* não se referiam só a ele, mas a todos os mortais.

Ciro, meditando no que acabava de ouvir, viu que tudo era cérto quanto *Créso* dizia, e que o mesmo lhe poderia acontecer a êle; pois *Créso*, muito poderoso, nunca, decérto, lhe havia passado pela ideia que morreria de tal fórma.

Mandou tirar *Créso* da pira, e simplesmente o conservou em seu poder.

Assim consolidou *Ciro* o govêrno de toda a Asia.

Harpago foi nomeado general de *Ciro*, e ganhou diversas batalhas.

Ciro, depois de muitas conquistas, marchou contra a *Babilonia*, a qual tomou por ardil, marchando a seguir contra os *massagetas*, governados por uma rainha viuva, a qual havia sido pedida em casamento por *Ciro*, não tendo aquéla aceitado, alegando que apenas desejava o seu reino.

Proximo de *Araxes*, *Ciro* toma o conselho de *Créso*, e deixa alí as peiores tropas. A maior parte, porém, fel-a avançar para o rio.

Os *massagetas* sáem então das suas fortificações, e apezar da resistencia dos soldados de *Ciro*, estes são vencidos.

Os *massagetas* apoderam-se imediatamente das bagagens dos soldados de *Ciro*, banquetiando-se com os mantimentos que nélas vinham.

Ciro volta e consegue matar muitos *massagetas* que dormiam embriagados, fazendo prisioneiro, entre outros, o filho da rainha *Tomiris*.

Informada do acontecido, *Tomiris* enviou um arauto a *Ciro*, pedindo a entrega do filho e que se retirasse, pois caso contrario o fartaria de sangue!

O filho da rainha *Tomiris* suicidou-se logo que acordou, e então *Tomiris* deu batalha a *Ciro*.

Morreu nésta batalha a maior parte do exercito *persa* e juntamente *Ciro*, o qual ao ser encontrado por *Tomiris*, esta lhe mandou meter a cabeça dentro de um ôdre cheio de sangue humano, para assim o satisfazer de sangue!

Sambo, 30—12—1913.

José H. de Castro

Notas mundanas

Realisou-se em Lisboa na Conservatoria Civil do 1.º bairro o casamento do sr. Joaquim de Vasconcélos com a sr.ª D. Justina Marinho.

Testemunharam o acto por parte do noivo os srs. João Teiga e seu cunhado João Lopes e por parte da noiva, sua irmã D. Beatriz dos Anjos Garcia.

Entre outras pessoas assistiram á ceremonia Felisberta Marinho e filho João Lopes Marinho, Izaura Lopes Marinho, D. Delfina de Barros, D. Armanda dos Prazeres, D. Amelia Marinho, etc.

A noiva, que é filha da sr.ª D. Izabel Marinho e o noivo do sr. João de Vasconcelos, são dotados das melhores qualidades que decerto muito hão-de contribuir para a felicidade do lar.

Em casa da mãe da noiva foi servido um delicado copo de agua, trocando-se alguns brindes, depois do que seguiram os noivos para Cintra a passar a lua de mel.

Muitas venturas.

=De regresso da Africa, deve ter chegado á sua casa de Oliveira de Azemeis, o nosso presado e velho amigo, dr. Antonio Maria Pereira Vilar, a quem enviâmos um apertado abraço de bôas vindas.

= Tem estado doente o nosso querido amigo dr. Abilio Marques, que no entanto já se levanta contando restabelecer-se bréve.

Assim o desejâmos.

=Está na sua casa de Vilar o sr. José Marques da Costa.

=Pelo seu aniversario natalicio felicitamos o sr. dr. João Maria Simões Sucêna, digno oficial do governo civil.

=Estivéram em Aveiro os nossos amigos, srs. Julio Alvarenga e Ernesto Maia, da Costa do Valado; Afonso Fernandes, da Quintã do Loureiro; dr. Eduardo Moura, de Eixo e Manuel Simões da Rosa, de Mamodeiro.

Carta de Africa

Beira, 25 de Junho

A bordo do vapor *Kigoma* chegou em 21 do corrente a esta cidade, acompanhado de sua esposa e filhos, o governador do territorio de Manica e Sofala, sr. João Pery de Lind.

Sua ex.ª veio acompanhado, desde o Cabo, pelo seu secretário particular o nosso amigo, sr. Gerardo Pery de Lind.

O correspondente do *Democrata* nésta cidade, apresenta a sua ex.ª o governador e a sua ex.ma familia, os seus cumprimentos de bôas-vindas.

=Com destino a Lisboa seguiu na tarde de 22, tomando o comboio-correio para o Cabo, onde tomará logar no vapor *Prinzessin*, o grande reacionario major Eduardo Marques, que durante algum tempo esteve á frente do govêrno deste territorio.

As *canastras* locais lá foram em romaria á estação do caminho de ferro despedirem-re deste acerrimo paladino da seacção.

=Seguiu ontem para Lisboa e de ali para Oliveira de Azemeis a bordo do vapor *Kigoma*, o nosso ilustre correligionario sr. dr. Antonio Maria Pereira Vilar, que com alta proficiencia exerce clinica na circunscrição de Manica.

O dr. Vilar é um republicano antigo, e, quando ainda estudante, com o redactor do *Radical* e outros mais, déram á publicidade um jornal de caracter republicano intitulado *Alvorada*, que iniciou a sua publicação em Oliveira de Azemeis.

Ao dr. Vilar desejamos boa viagem, e que sua ex.ª encontre todos os seus bem.

C.

CORRESPONDENCIAS

Requeixo, 20

Os acontecimentos do dia 12 do corrente ocorridos no Porto e Lisboa mais radicaram no espirito dos monarquicos désta freguezia a esperança da proxima restauração.

Para cumulo de infelicidades da Patria escravisada durante oitenta anos por esse regimen corruto e devasso que no dia 5 de Outubro de 1910 se afundou no lamaçal da ignominia, só lhe faltava éssa desejada restauração por virtude da qual os seus adeptos, na maior parte mais protegidos pelos poderes publicos do que os sincéros republicanos, ensinariam a estes como se cumpre a lei ao implantar um novo regimen.

Com franqueza o dizemos: se não fôra nossa aspiração de tantos anos vêr implantado em Portugal o regimen republicano, não seriamos nós que procurassemos por qualquer fórma desviar ou aconselhar o mais ignorante dos monarquicos a desviar-se desse principio, tal é o desgosto que nos causa a

marcha dos negocios publicos, ou, melhor, a falta de cumprimento das leis do país.

Contudo, o nosso descontentamento não traduz o desejo de abraçar o que no melhor de trinta anos detestámos, e nem sequer a darlhe o mais pequeno alento, contrariamente ao procedimento de altas individualidades que, não vendo satisfeitas as suas ambições, renegam o seu passado glorioso, umas, desligando-se outras da sua promessa aderitiva.

Se assim o entendem...

=Está causando justos reparos um alinhamento dado pela Câmara Municipal a Manuel Marques Ferreira, de Mamodeiro, para construção duma casa, alinhamento este que em lugar de dar á estrada municipal um metro, pouco mais ou menos, para lhe completar a largura, dá ao particular esse espaço, alegando o sr. Carlos Mendes, em sua defeza, que não achava justo que o particular demolisse o muro ali construido antes de aberta a estrada, e do que o mesmo particular, segundo consta, não fazia questão, nem podia fazer; antes advertira o sr. Carlos Mendes que não queria embaraços.

Se o possuidor do predio rustico do lado oposto ao prédio em construção requerer alinhamento para muro ou casa, sucede fatalmente que tem de ceder um metro de largura á estrada fazendo esta ali uma curva, quando é recta, ou nesse local ficarão dois funis opostos.

Assim não póde nem deve ser. Com vista a quem compete.

F.

Castélo de Paiva, 20

As várias molestias que atacam as vinhas e o grande temporal da noite de 24 para 25 do mez findo tem causado grandes danos podendo dizer-se que está quasi prejudicada a proxima colheita do vinho, por se encontrarem em vários pontos muitas vides sêcas.

=Diz-se que a autoridade administrativa depois de decorridos quasi quatro anos que está administrando o concelho vae deixar a sua repartição assim como a do Registo Civil onde já ha muito devia estar pessoa competente.

São negocios de... Paiva.

=Diz-se á boca cheia, que o escrivão de fazenda Vale Junior, que tantos anos esteve funcionando no concelho, recebera por várias vezes quantias avultadas na liquidação de contribuições. Onde pára o alvará requisitado e concedido para se proceder á conveniente sindicancia?

Respondam-nos.

C.

Alquerubim, 22

Tivéram logar ontem nesta freguezia os exames elementares dos alunos das escolas oficiaes. Foram propostos e aprovados os seguintes alunos: Arnaldo Ribeiro da Graça, *optimo;* Antonio Correia de Melo, idem; Clemente Nogueira, Augusto dos Santos Rezende e Manuel Ferreira da Silva, *bons*. E as meninas: Margarida M. Miranda e Melo, *optima;* Alice Augusta de Oliveira, idem; Elvira de Carvalho Miranda, idem; Lucila de Jesus, idem; Margarida M. Abreu, *bem;* Margarida Oliveira da Silva, idem; Olimpia Rodrigues Sobreiro, idem; e Palmira Correia de Melo, idem.

Presidiu o professor de S. João de Loure. Não houve reprovação alguma e todas as creanças apresentaram as suas escritas limpas e sem erros.

Foi um dia de alegria para a petisada!

C.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JULHO

DIAS	PHARMACIAS
26	ALLA

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Anuncios

A Junta de Paroquia Civil de Sangalhos

Fáz publico que, para cumprimento do art.º 162 da Lei n.º 88, ficam a concurso, a partir da data da publicação deste anuncio, os logares de secretário e tesoureiro désta Corporação Administrativa, devendo as condições do concurso obedecer ás disposições do Decreto de 24 de dezembro de 1892, para o que os concorrentes instruirão o requerimento com os documentos a que se refere o mesmo Decreto.

E' de 25$00 o ordenado anual do secretário, tendo o tesoureiro sómente 2 o/o sobre as receitas anuais.

O Presidente,

Joaquim José de Barros

E'ditos

(2.ª PUBLICAÇAO)

Por este Juizo, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª publicação déste anuncio, citando os herdeiros e credores José Simões Maio, solteiro, maior, e Manuel Simões Maio, solteiro, menor pubere, ausentes em parte incerta do Brazil, para todos os termos e deduzirem os seus direitos no inventario orfanologico a que se procede por obito de seu pae Manuel Simões Maio, morador, que foi, em Arada, désta comarca, em que é cabeça de casal a viuva Rosa dos Santos Vieira, do mesmo logar. Artigo 696, §§ 3.º e 4.º do Codigo do Processo Civil.

Aveiro, 14 de Julho de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva